

O processo de criação de sistemas de comunicação suplementar e alternativa: A contribuição de terapeutas ocupacionais para o design de pranchas



Palavras-chave: Comunicação Suplementar e Alternativa - Trabalho Integrado - Dispositivos de Comunicação

CENTRO DE PESQUISA E REABILITAÇÃO "PROFº GABRIEL PORTO" (CEPRE) - FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS (FCM) – UNICAMP
Pesquisa de iniciação científica financiada pelo SAE/Unicamp

Sávia L. M. Quental - bolsista
savia_lm@yaho.com.br

Lucia Reily - orientadora
lureily@terra.com.br

Introdução

Todo ser vivo mantém algum tipo de comunicação com seus semelhantes. Para Deliberato (2005, p. 507) "Comunicação consiste em poder compreender o que o indivíduo 'quer' dizer e/ou fazer-se entender pelo interlocutor a respeito do que quer 'dizer'". Chun & Moreira (1997, p.139) afirmam que "através dela [a comunicação], o indivíduo cria e transforma o meio em que vive, se constitui e produz história."

A linguagem é particularidade do ser humano, porém é possível que uma pessoa nasça sem a função da fala. Quando há dificuldade de emissão e compreensão de palavras e até mesmo de articulação de gestos, pode-se utilizar a Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA).

O que é CSA?

Trata-se de um sistema de recursos que busca substituir ou suplementar a fala ou o meio de comunicação já utilizado pelo indivíduo.

Este sistema pode ser de:

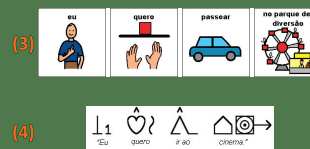
- (1) baixa tecnologia - uma prancha ou tabuleiro de papel;
- (2) alta tecnologia - programas de computador que sintetizam sons

Os sistemas de signos usados incluem:

- (3) o Sistema Pictográfico de Comunicação (Picture Communication Symbols – PCS)
- (4) o Sistema Bliss de Comunicação (ou "Blissymbols"), entre outros.

Objetivo

Estudar a atuação dialogada de terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos quanto à definição e elaboração de dispositivos de CSA para seus pacientes. A atenção integral ao usuário da CSA por equipe multiprofissional (fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, educador especial e/ou pedagogo etc.) é essencial.



Fotos cedidas por uma das fonoaudiólogas entrevistadas

Método

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e se apoia em dados de fontes orais. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética com parecer número 379/2009. Foram entrevistados 3 pares de sujeitos, formados por uma terapeuta ocupacional e uma fonoaudióloga que atuaram

conjuntamente (em equipe multidisciplinar ou por encaminhamento clínico) na introdução e/ou planejamento de dispositivos de CSA com usuários. As terapeutas ocupacionais foram indicados pelas fonoaudiólogas (os nomes foram alterados).

Fonoaudiólogas	Terapeutas Ocupacionais
Margarida (doutora) – (FN M)	Ana (estudante de mestrado) – (TO A)
Rosa (estudante de mestrado) – (FN R)	Maria – (TO M)
Violeta (professora) – (FN V)	Tereza – (TO T)

As entrevistas foram gravadas em arquivo de áudio, transcritas e enviadas para os sujeitos, para revisão. Após, foram analisadas e separadas por categorias.

Roteiro de entrevista para fonoaudiólogas	Roteiro de entrevista para terapeutas ocupacionais
Contextos de seus trabalhos em CSA	Contextos de seus trabalhos em CSA
Condições pelas quais o profissional decide introduzir a CSA com um indivíduo	Características de seu trabalho na CSA
Como é feita a avaliação dos usuários	Como é feita a avaliação dos usuários
Escolha de tipos de sistemas e dispositivos de CSA	Escolha de tipos de sistemas e dispositivos de CSA
A experiência multidisciplinar no trabalho com CSA	Crítérios para a composição de dispositivos
A contribuição do terapeuta ocupacional	Crítérios para disposição dos elementos na prancha
Mudanças que ocorrem durante seus atendimentos	Mudanças que ocorrem durante seus atendimentos

Conclusões

Confirmou-se a importância do trabalho conjunto entre terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos para o sucesso da CSA com pessoas com necessidades complexas de comunicação. Ambos os profissionais são protagonistas nos processos de introdução e evolução dos dispositivos.

As entrevistas mostram:

- Não há regras ou modelo para se criar um dispositivo de comunicação.
- É preciso considerar os aspectos individuais e necessidades daquele que o utilizará.
- A enorme diversidade de dispositivos de baixa tecnologia levantados na pesquisa testemunha a riqueza do processo criativo, que busca atender às demandas do cotidiano, com os múltiplos interlocutores.

Resultados e discussão

A partir da transcrição das entrevistas, criaram-se as seguintes categorias para análise. Destacamos algumas categorias:

1) a importância da CSA

- "(...) você dá um outro lugar para ele [usuário]: o lugar de capaz, de ter ação" (FN R16)
- "a gente acredita que a CSA favorece até a inserção social, então ele passa a ter um pouco mais de segurança de frequentar outros ambientes, de ser realmente mais independente." (TO A19)

2) o trabalho dos diversos profissionais envolvidos

- "A medida que nós, enquanto fonoaudiólogos, vamos trabalhando a questão linguística, entendendo essa linguagem, essa sua construção pra colocar na função, a TO dá a estrutura do suporte para essa funcionalidade." (FN M20)
- "a gente não quer um 'apontador' e sim um ser independente, que de alguma maneira se comunique e a gente acredita muito que essa comunicação vai vir." (TO T10)
- "Eu sempre vejo que trabalhar com um sujeito é trabalhar em grupo (...) O pensar de todo a respeito daquela criança só pode dar em um programa de atuação mais efetivo." (FN M18)

3) a participação dos usuários e das famílias de uma forma geral

- "a gente explica, a prancha, o sistema é dele, a comunicação é dele e a pessoa tem o direito de se expressar da forma que ela quiser, se não gostar, paciência! Mas eu sempre coloco conforme os pacientes me pedem." (FN V13)
- "A família também tem que ser capacitada." (FN M15)

4) avaliação e prática clínica

- "a avaliação é importante, pra gente caracterizar o momento do desenvolvimento da criança pra gente poder selecionar qual seria o melhor sistema que garanta a essa criança as questões de linguagem." (FN M05)
- "na terapia ocupacional, eu faço avaliação motora, avaliação física, cognitiva - não pra ver o intelectual, mas qual é a percepção de memória, de atenção do paciente. Em seguida, quando a gente considera que o paciente é apto pra estar usando o recurso da CSA, da tecnologia assistiva, a gente vai colher, junto com o paciente e com a família, a rotina dele em casa e na escola." (TO M05)
- "a questão cognitiva eu acho que é a primeira! Ele tem que entender pra quê aquilo serve, se não vai ficar mais uma coisa perdida." (TO T05)
- "ainda em relação a 'quando' decidir, eu acho que às vezes a gente já pensa nisso, mas a família não, e aí, essa decisão não pode ser unicamente do terapeuta. Então, também depende do tempo desta família e do espaço que isso tem numa dinâmica desta família." (FN R05)

5) os dispositivos

- a) os sistemas de CSA
 - "eu sempre busco a combinação naquilo que é mais funcional, aquilo que vai dar função pro sujeito e uma rapidez que seja necessária para ele." (FN M27)
- b) léxico
 - "pôr perguntas pra ele dizer 'quem?', 'quando?', 'onde?' é a coisa mais incrível, porque ele sempre fica, de novo, no lugar passivo; a pergunta é que dá o lugar ativo." (FN R25)
 - "esse realmente é o nosso objetivo: que o vocabulário se amplie, porque as necessidades mudam, a idade da criança, os contextos que também vão se ampliando." (TO A19)
- c) questões de acesso
 - "Tanto a adaptação dos recursos em si quanto a quantidade de símbolos e figuras da prancha vão se modificando com o decorrer do tempo sim, de acordo com a necessidade do paciente." (TO A20)
- d) evolução dos resultados e necessidade de alterações
 - "O recurso tem que ser dinâmico. Ele é altamente dinâmico porque a linguagem é dinâmica!" (FN M24)

Referências bibliográficas

Universitária, 1997.
DELIBERATO, D. Seleção, adequação e implementação de recursos alternativos e/ou suplementares de comunicação. In: Pinho, S. Z. de; Saglietti, J. R. C. (Org.). Núcleos de ensino. vol 1. São Paulo: Editora UNESP, 2005, v. 1, p. 505-519.
MANZINI, E. J.; DELIBERATO, D. Portal de ajudas técnicas para educação – recursos

para comunicação alternativa. Brasília: Ministério da Educação, 2004.
NUNES, L. R. O. de P.; PELOSI, M. B.; GOMES, M. R. Um retrato da comunicação alternativa no Brasil. Volumes I e II. Rio de Janeiro: 4 Pontos Estúdio Gráfico e Papéis, 2007.
REILY, L. Escola Inclusiva: Linguagem e mediação. São Paulo: Papirus, 2004.